

Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso

Historicity, concepts and procedures of discourse analysis

Historicidad, conceptos y procedimientos del análisis del discurso

Deivson Wendell da Costa Lima^I; Alcivan Nunes Vieira^{II}; Antonio Marcos Tosoli Gomes^{III}; Lia Carneiro Silveira^{IV}

RESUMO

Objetivo: apresentar a análise do discurso como um referencial de pesquisa e como um método de tratamento de dados. **Método:** ensaio teórico sobre análise do discurso na perspectiva da corrente francesa de pensamento trabalhada por Michel Pechêux. **Resultados:** este estudo sumariza a historicidade da análise do discurso e a sua gênese a partir do entrelaçamento do materialismo histórico e dialético com a linguística, a teoria do discurso e a psicanálise. Suas etapas são apresentadas de forma a abrir as possibilidades de produção de sentidos em estudos que usam como *corpus* a fala dos sujeitos. Em seguida são apresentados os dispositivos analíticos do discurso, as formações discursivas e a formação ideológica. **Conclusão:** aposta-se na potencialidade deste método para se ressignificar as pesquisas na enfermagem que utilizam a fala dos sujeitos, onde se faz necessária uma metodologia de análise que apreenda as relações entre o discurso e suas condições de produção.

Palavras-chave: Pesquisa; fala/discurso; enfermagem; ensino de enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to present discourse analysis as a frame of reference for research and a method of data analysis. **Method:** theoretical essay on discourse analysis from the perspective of the French current of thought comprising the work of Michel Pechêux. **Results:** this study summarizes the historicity of discourse analysis and its genesis from the interplay of historical and dialectical materialism with linguistics, discourse theory and psychoanalysis. This is presented in steps so as to offer opportunities for production of meaning by studies using subjects' speech as their corpus. The essay then presents the devices of discourse analysis, discursive formations and ideological formation. **Conclusion:** we believe this method has potential to re-signify nursing research that uses subjects' speech, where a methodology is necessary to grasp relations between discourse and the conditions in which it is produced.

Keywords: Search; speech/discourse; nursing; nursing education.

RESUMEN

Objetivo: presentar el análisis del discurso como referencia para investigación y como método de análisis de datos. **Método:** ensayo teórico sobre el análisis del discurso en la perspectiva de la escuela francesa de pensamiento trabajada por Michel Pêcheux. **Resultados:** este estudio resume la historicidad del análisis del discurso y su génesis a partir de la interrelación del materialismo histórico y dialéctico con la lingüística, la teoría del discurso y el psicoanálisis. Sus etapas se presentan de manera a abrir el camino de posibilidades de producción en los estudios que utilizan como corpus el discurso de los sujetos. A continuación se presentan los dispositivos de análisis del discurso, las formaciones discursivas y la formación ideológica. **Conclusión:** apostamos por el potencial de este método para replantear las investigaciones en enfermería que utilizan el discurso de los sujetos, en los que se vuelve necesaria una metodología que entienda las relaciones entre discurso y sus condiciones de producción.

Palabras clave: Investigación; habla/discurso; enfermería; educación en enfermería.

INTRODUÇÃO

O 55º Congresso Brasileiro de Enfermagem propôs a elaboração de uma agenda nacional de prioridades de pesquisa em enfermagem fundamentada nas demandas sociais¹. O conhecimento destas demandas, em geral, ocorre através de pesquisas que se utilizam das falas dos sujeitos. Estas falas na verdade são discursos produzidos a partir de um contexto em que operam regras que delimitam o que pode ou não ser falado.

Neste sentido, faz-se necessário desenvolver uma metodologia de análise que apreenda as relações entre o discurso e suas condições de produção².

Este ensaio se propõe a apresentar a análise do discurso (AD) da corrente francesa de pensamento trabalhada por Michel Pechêux como um referencial e um método de análise que se organiza com este propósito³.

O texto foi estruturado a partir da sua historicidade, de um resgate teórico-metodológico dos seus conceitos, seguido de uma sistematização do método em três etapas. Em seguida serão apresentados os conceitos de dispositivos analíticos do discurso, de formações discursivas e de formação ideológica.

^IEnfermeiro. Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Docente, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: deivsonwendell@hotmail.com

^{II}Enfermeiro. Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Docente, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: alcivannunes@uern.br

^{III}Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Docente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro., Brasil. E-mail: mtosoli@gmail.com

^{IV}Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente, Universidade Estadual do Ceará. Brasil. E-mail: silveiralia@gmail.com

HISTORICIDADE E FUNDAMENTOS DA AD

Diferentemente de outros métodos de análise de dados, o desenvolvimento da AD exige do pesquisador uma aproximação com a sua historicidade. Sem este momento, corre-se o risco de tentar desenvolvê-la em dissonância com seus fundamentos³.

Michel Pêcheux (1938-1983, a partir de sua atuação política marxista, propôs um campo de investigação objetivando integrar a análise das condições de produção do discurso aos processos discursivos. Ele empreendeu críticas ao pensamento estruturalista e propôs a adoção de um novo objeto, o discurso que opera na articulação entre o linguístico e o histórico⁴.

Para Pêcheux, o discurso implica exterioridade da linguagem em torno da ideologia e do social. Epistemologicamente, a AD se inscreve no materialismo histórico e dialético, na linguística e na teoria do discurso⁵.

Outro campo de conhecimento que fundamentou a AD foi a psicanálise que contribuiu com a concepção de linguagem, situando o sujeito como ser que fala e representa o mundo simbolicamente. Para ela nem tudo pode ser incluído na cadeia significante, fica sempre um resto de linguagem impossível de ser simbolizado que fura a cadeia simbólica fazendo surgir o não dito⁶.

O não-dito, como elemento integrante do discurso e produtor de significação, está fora da estrutura organizada da linguagem onde o sujeito tenta aparecer como único autor quando na verdade ele ocupa um lugar na discursividade⁷.

Para a psicanálise o não dito corresponde a uma fala que, ao faltar, situa o lugar do sujeito; portanto ela ser valorizada durante a análise e buscada principalmente quando o discurso pretende ser completo e pleno de sentidos. Pois, é na incompletude do discurso que se fundam outros sentidos além do que é dito^{7,8}.

A psicanálise comparece na análise do discurso possibilitando situar aquilo que foge à estrutura do discurso como o lapso, o não dito, e o lugar do sujeito fundado pelo desconhecimento. "Tal desconhecimento não consiste numa ignorância, ele não é passivo. Ao contrário, esse desconhecimento corresponde à própria atividade do sujeito"^{8:63}.

A relação entre a psicanálise e a AD pode ser constatada também por meio dos mecanismos imaginários enquanto processos identificatórios do sujeito na sua alteridade⁶.

Entre os conceitos fundamentais da AD, destaca-se o conceito de discurso; ele resulta da interpelação entre a língua e a ideologia, o homem e a história. É uma construção social atrelada à materialidade dos objetos de conhecimento e às modalidades de intervenção da linguagem no processo de produção/reprodução de conhecimento. Neste sentido, o discurso é considerado objeto próprio da língua que funciona para produzir os sentidos³.

Pêcheux também adotou o conceito de formação discursiva de Foucault, considerando-a não apenas como um espaço estrutural fechado; pois, ela é constitutivamente invadida por elementos que vêm de outras formações dis-

cursivas que se repetem nela mesma fornecendo-lhe suas evidências discursivas⁹.

O resgate histórico da AD é um subsídio indispensável para toda pesquisa que se propõe a trabalhar com este referencial, pois contribui para sedimentar a coerência necessária na apreensão das falas além de suas aparentes superficialidades e linearidades.

O SUJEITO, A LINGUAGEM E O DISCURSO

Entende-se que os conceitos de sujeito, linguagem e discurso são constitutivos do referencial teórico e filosófico da AD, diferenciando-se substancialmente da forma como são trabalhados em outras propostas de análise de dados³.

Na AD o sujeito discursivo se constitui e se produz na linguagem, na sua materialidade significante. É o sujeito falante que se coloca e se situa na linguagem e pela linguagem, é o sujeito cindido por seu inconsciente^{6,8}.

O inconsciente não é compreendido como um lugar inacessível, mas como uma instância determinante e sempre ativa que imprime o modo de operação de cada sujeito por meio do seu traço singular como efeito do discurso⁶.

Partindo desta compreensão, a AD propõe uma ruptura com a suposta transparência da linguagem onde o sujeito não é visto como uma unidade, mas sim como um ser dividido e efeito da linguagem. Como um ente produtor do contexto onde se insere, ao mesmo tempo em que é atravessado por este contexto^{9,10}.

A AD consiste em uma proposta de análise que busca superar a apreensão linear da linguagem exteriorizada, em seu caráter de superficialidade; almeja compreendê-la de forma articulada às suas condições de produção^{4,5}.

Busca os significados do texto e a linguagem expressa nas relações estabelecidas entre os sujeitos, bem como os sentidos que lhes são atribuídos a partir das condições em que o discurso é produzido. Ela almeja compreender e explicitar os processos de significação para atingir os mecanismos de produção de sentidos^{9,10}.

Propõe-se ainda a buscar os significados atribuídos pelo sujeito às tramas sociais, históricas e culturais. Porque os discursos materializam sentidos em uma sociedade que se movimenta, que "[...] transitam pelo tempo e pelo espaço; eles nos enredam, rodeiam-nos e nos constituem, e como construídos por uma memória, um já-dito que os faz serem interpretados"^{11:75}.

Por isso, a AD exige uma articulação metodológica entre descrição e interpretação, pois, no campo destas relações emergem os dispositivos analíticos cuja identificação se constitui em um desafio ao analista do discurso. Porque não se trata da identificação de figuras de linguagem, mas da incompletude da língua que provoca um contínuo deslizamento de sentidos¹².

Considerando esta fundamentação, identifica-se a ruptura que a AD estabelece com outros procedimentos de análise de dados porque ela não busca a fala por si mesma, mas os discursos produzidos por sujeitos a partir de formações discursivas e ideológicas¹².

O PROCESSO DE AD

O processo da AD tem como princípio os conceitos de sujeito, linguagem e discurso que estão presentes desde a formulação do problema da pesquisa. E é a partir deles que o *corpus*, a fala materializada em entrevistas por exemplo, será analisado³.

As etapas do processo de análise dos discursos são: passagem da superfície linguística para o objeto discursivo; passagem do objeto discursivo para o processo discursivo; constituição dos processos discursivos².

Nesta primeira etapa, a transcrição do *corpus* deve ocorrer de forma literal mantendo todas as partículas discursivas. Este procedimento busca preservar os sentidos produzidos na enunciação, diferente do que acontece na análise de conteúdo de Bardin que desconsidera estes elementos da materialidade linguística^{2,3}.

A leitura do *corpus* com estas partículas confere materialidade linguística ao discurso, pois o material linguístico da AD é constituído essencialmente por elementos e microsistemas lexicais que organizam a expressão da subjetividade linguística⁵.

Esta leitura busca familiarizar o pesquisador com o *corpus* e com as várias formas discursivas empregadas pelos sujeitos, combinando uma atenção flutuante e a familiarização com o dito. Nesta aproximação ela subsidia a identificação dos sentidos e rupturas, adentra na sua materialidade sem ceder à sua literalidade^{9,12}.

Para identificação dos recursos linguísticos presentes no discurso, podem ser utilizados os seguintes indicadores de texto:

Reticências com parênteses (...): representando uma pausa no pensamento.

Interrogação (?): representando uma pergunta.

Exclamação (!): representando surpresa, espanto ou ênfase.

Vírgula (,): representando uma breve pausa na fala posteriormente continuada.

Ponto (.): representando o término de uma enunciação discursiva.

Travessão (—): representando o início de uma enunciação discursiva.

Negrito: representando o aumento ou a diminuição no tom da voz, risos, pausas, choros, expressões de concordância (né, tá, hum hum) e outras partículas linguísticas.

Texto em itálico dentro de colchetes: representando um comentário do pesquisador esclarecendo a enunciação ou motivando os sujeitos pesquisados a falarem^{3,12}.

O uso dos marcadores de produção de sentido contribuiu para a dessuperficialização do *corpus*, caminhando da superfície linguística para o objeto discursivo³.

Na segunda etapa, na busca da passagem do objeto discursivo para o processo discursivo, identificam-se os dispositivos analíticos: metáfora, polissemia, paráfrase, interdiscurso e a negação¹².

Sua identificação possibilita a compreensão dos sentidos das palavras e dos enunciados, imprescindíveis ao processo de desvendamento de uma discursividade. A metáfora é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual de um ou mais termos da linguagem pelos deslizamentos de sentidos; é a tomada de uma palavra pela outra através de um mecanismo de transferência de sentido⁵⁻⁹.

A polissemia externa os múltiplos sentidos produzidos pelo sujeito constituindo-se no diferente do já dito. Expressa uma ruptura na continuidade discursiva e onde se tem a escassez do discurso e a produção de novos sentidos. Este dispositivo evidencia para uma mesma palavra sentidos diferentes quando ela é situada em formações discursivas distintas⁵⁻⁹.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há algo que se mantém, consistem em diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado, estabilizado¹².

Outro dispositivo a ser encontrado é o interdiscurso que corresponde ao momento em que o sujeito elabora o seu dizer remetendo-o a outros discursos, em função da sua aproximação com os mesmos e das suas posições ideológicas³⁻¹².

Esta condição resulta também da posição que o sujeito ocupa no contexto discursivo,

[...] é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra^{12,623}.

No interdiscurso, o dizer também é retomado em uma relação de esquecimento que insiste em dizer algo que já foi dito, mas que tem *status* de algo novo e original para o sujeito³.

Todo discurso comporta um não-sentido, uma tentativa de negar aquilo que se pretende recalcar e omitir; este dispositivo é a negação. Representa algo que o sujeito tenta recalcar, mas o *outro* da linguagem aparece sob a forma de não-ser em oposição ao discurso já construído. Este dispositivo se funda na condição em que o sujeito acredita que o seu discurso não está autorizado a comparecer naquele contexto^{13,14}.

A negação surge, portanto, no interior da memória discursiva evidenciando o sujeito constituído pelo esquecimento do que o determina. Ao negar o inconsciente ele comparece no discurso através dos atos falhos, dos lapsos e deslizamentos de sentidos^{6,13}.

A partir da identificação dos dispositivos analíticos os procedimentos convergem para a articulação do objeto discursivo com o processo social onde ele é produzido. O passo seguinte é a identificação das formações discursivas, das regras que regem a produção dos discursos. A formação discursiva em uma formação ideológica determina o que pode e deve ser dito no interior de um aparelho ideológico inscrito em uma relação de classes^{9,10,15}.

Esse processo acontece em consequência da articulação do enunciado com a enunciação onde o sujeito

é marcado pelo processo ilusório de ser a fonte de sentido para o discurso e de ser o autor do seu próprio processo de enunciação. Este processo é chamado, respectivamente, de esquecimento número um e esquecimento número dois³.

O esquecimento número um é o que dá conta do fato de que o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Ou seja, o sujeito se constitui pelo esquecimento do que o determina. Ele se constitui pela sua inscrição na formação discursiva. [...] O esquecimento número dois é da ordem da formulação. O sujeito esquece que há outros sentidos possíveis. Ao longo de seu dizer vão se formando famílias parafrásticas de tudo aquilo que ele podia dizer, mas não disse^{3:21}.

Nesta etapa faz-se necessária a distinção conceitual entre o enunciado e a enunciação; o enunciado surge a partir da interpelação do sujeito enquanto autor do discurso ensejando várias enunciações dispersas no tempo e no espaço⁶⁻¹⁰.

A enunciação ocorre no lugar que o sujeito ocupa na sociedade onde o discurso é produzido e atravessado pela memória discursiva, aquela que é regida por discursos externos ao sujeito. Constitui-se como um acontecimento singular, datado e situado, o que faz com que o sujeito seja caracterizado como o mesmo e o diferente, como repetição e diferença¹⁰.

AS FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS NA AD

As formações ideológicas são constituídas de uma ou mais formações discursivas interligadas, caracterizando-se por serem um conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais. Elas originam as regras que delinham a produção do discurso em um contexto⁹.

Na constituição dos processos discursivos, é possível se identificar ainda elementos que rompem com a formação ideológica, como o silenciamento e o silêncio. Estes elementos rompem também com a lógica da consciência e apontam para o descentramento do sujeito⁹.

O silenciamento se relaciona com a ideologia e com a formação imaginária, representando uma parte do que é dito e não o foi devido ou às sanções impostas pelo contexto de produção do discurso³.

Da mesma forma que o discurso verbalizado, o silêncio faz parte do acontecimento discursivo e integra uma sequência de enunciados dentro de um contexto discursivo. Seu aparecimento também é uma função discursiva em relação à exterioridade onde ele é produzido^{7,9}.

O silêncio não quer dizer algo está implícito ou que já está contido no discurso, ele é um modo de estar no sentido com o *status* de fundador de novos sentidos. E “se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante”^{7:23}.

Estes processos também correspondem a uma ruptura onde o sujeito comparece no discurso como

alguém que ocupa um lugar na discursividade. Através deles o sujeito encontra espaço para dizer algo além daquilo que está autorizado a falar em uma determinada formação discursiva^{2,3}.

CONCLUSÃO

A AD aposta em um movimento de mudança na forma de produzir conhecimento e em uma apreensão diferente das relações do sujeito com o seu discurso. Por considerar que a fala não é transparente e literal, sua aplicação possibilita a identificação das regras que delimitam o que pode ser dito em um dado contexto.

Neste sentido, este referencial e método de análise tornam-se capazes de contribuir para a qualificação da pesquisa na enfermagem. Ao exigir a apreensão conjunta dos sujeitos, dos seus discursos e do contexto onde eles são produzidos, possibilita o desvendamento do processo de produção de sentidos e os múltiplos sentidos presentes nestes discursos.

REFERÊNCIAS

- Oliveira DC. Prioridades de pesquisa em enfermagem e as linhas de pesquisa: dando continuidade ao debate. Rev enferm UERJ [on line]. 2014 [citado em 20 mar 2016]; 22(5):712-6. Disponível em <http://www.facenf.uerj.br/v22n5/v22n5a21.pdf>
- Gomes AMT. Do discurso às formações ideológica e imaginária: análise de discurso segundo Pêcheux e Orlandi. Rev enferm UERJ [on line] 2007 [citado em 20 mar 2016]; 15(4):555-62. Disponível em <http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a13.pdf>
- Orlandi EP. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas(SP): Pontes Editores; 2015.
- Brandão HHN. Introdução à análise do discurso. 3ªed. Campinas (SP): Editora da Unicamp;2012.
- Gonçalves CF, Freire RMAC. Análise do discurso e a fonoaudiologia: um diálogo promissor. Rev CEFAC. [on line] 2016 [citado em 10 ago 2016]; 18(4): 974-81. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v18n4/1982-0216-rcefac-18-04-00974.pdf>
- Casagrande MC. O nome da gente. Pequenas estórias: subjetividades loucas e poéticas. São Paulo: Escuta;2011.
- Pechêux M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas (SP) Editora Unicamp; 2014.
- Soares JSB. análise do discurso e psicanálise: diálogos (im)possíveis? Cadernos CESPUC. [on line] 2016 [citado em 01 dez 2016] 1(28):223-31. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/viewFile/13285/10386>
- Sarfati GE. Princípios da análise do discurso. São Paulo: Editora Ática; 2010.
- Milanez N, Santos JJ. (organizadores) Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares. São Carlos: Claraluz; 2009.
- Foucault M. A arqueologia do saber. 7ªed. tradução de Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária;2008.
- Gomes DRG. Do psicólogo no programa de residência multiprofissional em saúde: posição-sujeito, análise do discurso e psicanálise lacanianiana [tese de doutorado]. Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo; 2016.
- Gomes AMT. O desafio da análise de discurso: os dispositivos analíticos na construção de estudos qualitativos. Rev enferm UERJ [on line] 2006 [citado em 5 ago 2016]; 14(4):620-6. Disponível em <http://www.facenf.uerj.br/v14n4/v14n4a20.pdf>
- Indursky F, Ferreira MCL. Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontado limites. São Carlos (SP): Claraluz; 2007.
- Baronas RL. Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2ªed. rev. ampl. São Carlos (SP): Pedro & João Editores;2011.